

Em nome do discurso mais belo que há

Para combater o discurso de ódio, que é o lado obscuro do superpoder humano de comunicar

Por Isabel Clemente

Formada em Jornalismo pela PUC-Rio e mestre em Escrita Criativa pela Royal Holloway, University of London

Valor, 19/09/2025

Eu tinha escolhido a clínica pela distância da minha casa para eu ir a pé ou de bicicleta porque, embora eu não me lembre, em 1993, a libra já valia muito, ainda mais em cruzeiros. Apostei no nome mais simpático da lista de profissionais e fui. No dia da consulta, entrei sozinha na casa vitoriana geminada entre tantas iguais, confirmei minha presença na recepção e fiquei aguardando sentada, num hall amplo, até que uma das portas se abriu e chamaram meu nome. Surgiu um homem magro de jaleco branco até o joelho, barba e turbante, me indicando o caminho do consultório de ginecologia. Quase fugi.

Com 20 anos e cara de adolescente, eu não poderia estar mais constrangida, e ressabiada. Eu tinha aterrissado em Londres dez meses antes para um ano de estudos e minha menstruação não dava sinais. Gentil, o médico só conversou comigo. Disse que era normal devido à mudança, porque o corpo sente, porque morar em outro país exige adaptação da mente e do espírito. “Voltará ao normal”, ele disse. Tinha razão.

O médico indiano, assim como turbantes e hijabs e kebabs e punks de cabelo espetado e homens se beijando no pub sem ninguém virar o pescoço compõem a experiência de diversidade que Londres me proporcionou no início dos anos 90, antes das redes viabilizarem tais “encontros”. Uma das minhas melhores amigas no curso de inglês era sueca, mas tinha a cor do Paquistão. A outra, alemã, era da cor da Alemanha mesmo. O London Hospital exibia placas em inglês e indie. Cinco anos depois voltei à Londres como correspondente, e a Índia voltou a fazer parte da minha vida, por causa dos livros de Arundhati Roy e Chitra Divakaruni, e das minhas idas diárias à loja do Tufifiti, um senhor quieto, de semblante sério e pele de chocolate, cuja voz eu só ouvia quando ele me cobrava no caixa “tufifiti plis” pelos jornais.

Era 1999. Londres acolhia refugiados dos Balcãs enquanto cidadãos protestavam contra o bombardeio da Otan na Sérvia. Quando Pinochet foi preso, surgiu uma comunidade chilena em frente ao Parlamento porque *nadie* havia esquecido *los desaparecidos y los muertos de la dictadura*.

Mais de duas décadas depois, retornei para morar de novo na capital britânica, e pela primeira vez na vida um homem fez minhas unhas. Ele tinha fugido da guerra no Vietnã ainda adolescente, cruzando estradas vicinais enlameadas e o mar num barco pequeno com um irmão mais novo.

Reencontrei a gentileza e o bom humor inglês nos mercados, na biblioteca, no convívio com acadêmicos e colegas do mestrado. No rescaldo da pandemia crescia a mobilização para ajudar ucranianos, no comércio, nas escolas e nas igrejas. Aquele país sempre foi uma referência de diversidade. A marcha dos 110 mil que terminou em violência e discursos racistas em Londres indica uma falta de civilidade sem precedentes num lugar onde o respeito ao diferente sempre foi a norma. Por isso eu queria lembrar que, em 2003, um milhão foi para as ruas contra a guerra no Iraque.

No livro “A expulsão do outro” (Editora Vozes), o filósofo Byun Chul Han argumenta que a hospitalidade indica o grau de civilização de uma sociedade, sendo um sintoma de almas “abundantes” e condição para a paz. A partir de conceitos trabalhados por Kant e Nietzsche, Chul Han nos conduz por uma reflexão sobre conexões humanas. Num pequeno e brilhante capítulo, ele escreve que “hospitalidade promete reconciliação. Esteticamente, ela se manifesta como beleza”.

Seguem as belas palavras de Nietzsche tiradas do livro: “Somos, por fim, sempre recompensados por nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, doçura frente ao estranho, na medida em que o estranho lentamente descarta seu véu e se apresenta com nova e indizível beleza – é o seu agradecimento por nossa hospitalidade.” A hostilidade ao estrangeiro seria assim uma expressão da feiura, daquilo que impede uma sociedade de evoluir para um estado de “conciliação e afabilidade”, defende Chul Han.

O discurso de ódio é o lado obscuro do superpoder humano de comunicar. Direcionado contra quem vem de fora (das fronteiras, do partido, da religião, do grupo identitário), espalha a intolerância e incita crimes. Defini-lo como crime divide opiniões. Nos Estados Unidos, a defesa da liberdade de expressão protege inclusive o discurso de ódio.

Em países europeus, não. A discussão é longa, mas fico com os filósofos: a hostilidade é um retrocesso civilizatório. E podemos combatê-la com uma linguagem afável, a mais bela que há.